

SIGMUND

FREUD

OBRAS COMPLETAS VOLUME 8

O DELÍRIO E OS SONHOS
NA *GRADIVA*,
ANÁLISE DA FOBIA DE
UM GAROTO DE CINCO ANOS
E OUTROS TEXTOS

(1906-1909)

TRADUÇÃO PAULO CÉSAR DE SOUZA

Copyright da tradução © 2015 by Paulo César Lima de Souza

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os textos deste volume foram traduzidos de *Gesammelte Werke*, volumes VII e XIII (Londres: Imago, 1941 e 1940).

Os títulos originais estão na página inicial de cada texto. A outra edição alemã referida é *Studienausgabe* (Frankfurt: Fischer, 2000).

Capa e projeto gráfico
warrakloureiro

Imagens das pp. 3 e 4, obras da coleção pessoal de Freud:
Shabti de Senna, Egito, séc. xv a.C., calcário, 23 cm
Cavalo e cavaleiro, Grécia, c. 550 a.C., terracota, 10,3 cm
Freud Museum, Londres.

Preparação
Célia Euvaldo

Índice remissivo
Luciano Marchiori

Revisão
Angela das Neves
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freud, Sigmund, 1856-1939.

Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na *Gradiva*,
Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909) /
Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. — 1ª ed. — São Paulo:
Companhia das Letras, 2015.

Título original: *Gesammelte Werke*.

ISBN 978-85-359-2586-9

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Psicanálise 3. Psicologia
4. Psicoterapia 1. Título.

15-02342

CDD-150.1952

Índice para catálogo sistemático:

1. Sigmund Freud: Obras completas: Psicologia analítica 150.1952

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

ESTA EDIÇÃO 9

O DELÍRIO E OS SONHOS NA *GRADIVA* DE W. JENSEN (1907) 13
POSFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO (1912) 119

ANÁLISE DA FOBIA DE UM GAROTO DE CINCO ANOS

(“O PEQUENO HANS”, 1909) 123

I. INTRODUÇÃO 124

II. CASO CLÍNICO E ANÁLISE 143

III. EPÍCRISE 234

PÓS-ESCRITO À ANÁLISE DO PEQUENO HANS (1922) 283

A INSTRUÇÃO JUDICIAL E A PSICANÁLISE (1906) 285

ATOS OBSESSIVOS E PRÁTICAS RELIGIOSAS (1907) 300

O ESCLARECIMENTO SEXUAL DAS CRIANÇAS

(CARTA ABERTA AO DR. M. FÜRST, 1907) 314

O ESCRITOR E A FANTASIA (1908) 325

AS FANTASIAS HISTÉRICAS E SUA RELAÇÃO

COM A BISSEXUALIDADE (1908) 339

CARÁTER E EROTISMO ANAL (1908) 350

A MORAL SEXUAL “CULTURAL” E O NERVOSISMO MODERNO (1908) 359

SOBRE AS TEORIAS SEXUAIS INFANTIS (1908) 390

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O ATAQUE HISTÉRICO (1909) 412

O ROMANCE FAMILIAR DOS NEURÓTICOS (1909) 419

TEXTOS BREVES (1906-1909) 425

RESPOSTA A UMA ENQUETE SOBRE LEITURA E BONS LIVROS 426

ANÚNCIO DA COLEÇÃO *ESCRITOS DE PSICOLOGIA APLICADA* 428

PREFÁCIO A *ESTADOS NERVOSOS DE ANGÚSTIA E SEU TRATAMENTO*,
DE W. STEKEL 430

PREFÁCIO A *O ESTUDO DA ALMA: ENSAIOS NO ÂMBITO DA PSICANÁLISE*,
DE S. FERENCZI 431

ÍNDICE REMISSIVO 433

O DELÍRIO E OS SONHOS NA *GRADIVA* DE W. JENSEN (1907)

TÍTULO ORIGINAL: *DER WAHN UND DIE
TRÄUME IN W. JENSENS GRADIVA.*

PUBLICADO PRIMEIRAMENTE COMO

VOLUME AUTÔNOMO: LEIPZIG E VIENA:

HELLER, 1907. TRADUZIDO DE

GESAMMELTE WERKE VII, PP. 31-125;

TAMBÉM SE ACHA EM *STUDIENAUSGABE* X,

PP. 9-85.

I

Num grupo de senhores que têm como certo que os principais enigmas do sonho foram solucionados pelo presente autor, surgiu certo dia a curiosidade de se ocupar daqueles sonhos que jamais foram sonhados realmente, que foram imaginados por escritores e atribuídos a personagens inventadas, no contexto de uma narrativa. A proposta de submeter esse tipo de sonhos a uma investigação pode parecer estranha e ociosa, mas de certo ponto de vista encontra justificação. Geralmente não se acredita que o sonho seja algo dotado de sentido e passível de interpretação. A ciência e a maioria das pessoas cultas sorriem ante a sugestão de interpretar um sonho; somente o povo, que cultiva a superstição — e nisso dá prosseguimento às convicções da Antiguidade —, não abandona a ideia de que os sonhos são interpretáveis, e o autor da *Interpretação dos sonhos* ousou tomar o partido dos supersticiosos e dos antigos contra as objeções da ciência rigorosa. Certamente ele está longe de ver no sonho uma previsão do futuro, que há tempos imemoriais o ser humano procura em vão desvendar por todos os meios possíveis. Mas também não pôde rejeitar inteiramente a relação entre o sonho e o futuro, dado que, após um penoso trabalho de tradução, o sonho se revelou como um *desejo*, da pessoa que sonha, apresentado como *satisfeito*, e quem poderia negar que os desejos se voltam predominantemente para o futuro?

Acabei de afirmar que o sonho é um desejo realizado. Quem não se intimida ante a leitura de um livro

difícil, quem não pede que um problema intrincado lhe seja exposto como algo simples e fácil, para poupar esforços e à custa de fidelidade e verdade, pode encontrar na referida *Interpretação dos sonhos* a prova circunstanciada dessa tese e, enquanto isso, deixar em suspenso as dúvidas quanto à equivalência entre sonho e realização de desejo, que seguramente lhe ocorrem.

Adiantamo-nos demais, porém. Ainda não se trata de estabelecer se o sentido de um sonho deve, em cada caso, corresponder a um desejo realizado ou, com igual frequência, a uma expectativa angustiada, uma intenção, uma reflexão etc. O que se acha em questão, primeiramente, é se o sonho tem de fato um sentido, se podemos lhe atribuir o valor de um evento* psíquico. A ciência responde com um “não”, declara que o sonho é um evento puramente fisiológico, no qual, portanto, não devemos buscar sentido, significação, propósito. Estímulos somáticos atuariam sobre o instrumento psíquico durante o sono, assim trazendo à consciência ora uma, ora outra ideia, desprovidas de qualquer consistência psíquica. Os sonhos seriam comparáveis apenas a espasmos, não a movimentos expressivos da psique.

Nessa disputa sobre a avaliação dos sonhos, os escritores** parecem estar do lado dos antigos, do públi-

* No original, *Vorgang*, que também pode significar “processo”. [As notas chamadas por asterisco e as interpolações às notas do autor, entre colchetes, são de autoria do tradutor. As notas do autor são sempre numeradas.]

** No original, *Dichter*, que designa sobretudo os autores de poemas, mas também os de obras poéticas num sentido amplo.

co supersticioso e do autor da *Interpretação dos sonhos*. Quando fazem sonhar as personagens que sua fantasia criou, obedecem à experiência cotidiana de que os pensamentos e afetos dos indivíduos prosseguem durante o sono, e buscam retratar os estados de alma de seus heróis mediante os sonhos que eles têm. Mas os escritores são aliados valiosos e seu testemunho deve ser altamente considerado, pois sabem numerosas coisas do céu e da terra, com as quais nem sonha a nossa filosofia.* No conhecimento da alma eles se acham muito à frente de nós, homens cotidianos, pois recorrem a fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. Mas quem dera fosse menos ambígua a posição dos escritores em favor da natureza significativa dos sonhos! Pois uma crítica mais severa poderia objetar que o escritor não toma partido nem contra nem a favor do significado psicológico de um sonho; ele se contenta em mostrar como a psique adormecida** reage às excitações que nela permaneceram ativas como prolongamentos da vida de vigília.

No entanto, essa decepção não diminuirá nosso interesse pela forma como os escritores se utilizam do sonho. Se tal investigação não trazer nada de novo sobre a essência dos sonhos, talvez nos proporcione, a partir desse ângulo, algum vislumbre da natureza da

* Alusão a versos famosos de *Hamlet*, ato I, cena 5.

** No original, *die schlafende Seele*; nas versões estrangeiras consultadas — a espanhola da Biblioteca Nueva, a argentina da Amorrortu, a italiana da Boringhieri e a *Standard* inglesa — encontramos: *el alma dormida*, *el alma durmiente*, *la psiche dormiente*, *the sleeping mind*.

produção literária. Os sonhos reais já são vistos como formações desenfreadas e sem regras, e agora temos as recriações livres de tais sonhos! Mas há muito menos liberdade e arbítrio na vida psíquica do que somos inclinados a supor; talvez não haja nenhuma. O que no mundo exterior denominamos acaso resolve-se em leis, como é sabido. Também o que na esfera psíquica denominamos arbítrio baseia-se em leis — apenas obscuramente entrevistas, por enquanto. Vamos ver, então, o que descobrimos.

Haveria dois caminhos para essa investigação. Um deles seria o aprofundamento num caso especial, nos sonhos criados por um autor em uma de suas obras. O outro consistiria em juntar e contrastar todos os exemplos de utilização de sonhos que podem ser achados em obras de diferentes escritores. O segundo caminho parece ser, de longe, o mais acertado, e talvez o único justificável, pois de imediato nos livra dos problemas ligados à adoção do conceito artificialmente unitário de “escritor” [*Dichter*]. Sendo investigada, essa unidade se dissolve em escritores individuais de valor bastante diverso, entre os quais alguns que nos habituamos a reverenciar como os mais profundos conhecedores da alma humana. Entretanto, estas páginas serão tomadas por uma pesquisa do primeiro tipo. Aconteceu que, no grupo de senhores em que surgiu a ideia, um deles se lembrou* de que havia, na obra de ficção que lhe agra-

* Foi C. G. Jung, como informa Ernest Jones em sua biografia de Freud.

dara por último, vários sonhos que lhe pareciam ter aspecto familiar, convidando-o a neles experimentar o método da *Interpretação*. Ele confessou que o tema e o cenário da pequena obra haviam influído enormemente no agrado que esta lhe suscitara, pois a história se passava em Pompeia e tratava de um jovem arqueólogo que havia trocado o interesse na vida pela dedicação aos vestígios do passado clássico e agora, por uma via indireta bem peculiar, mas consistente, era transportado de volta para a vida. Enquanto se desenvolvia esse tema genuinamente poético, muitas afinidades e concordâncias eram despertadas no leitor. A obra era a novela *Gradiva*, de Wilhelm Jensen [1837-1911], que o próprio autor designava como “uma fantasia pompeiana”.

Agora devo pedir a meus leitores que deixem de lado momentaneamente este ensaio e o substituam pela *Gradiva* — lançada no comércio em 1903 —, de maneira que eu possa, nas páginas seguintes, referir-me a algo que lhes seja familiar. Para aqueles que já leram a *Gradiva*, no entanto, recordarei o teor da história com um breve sumário, confiando em que sua memória restabeleça todo o encanto que nisso vai perdido.

Um jovem arqueólogo, Norbert Hanold, descobriu numa coleção de antiguidades, em Roma, um baixo-relevo que o atraiu de tal forma que ele se regozijou ao conseguir uma excelente cópia em gesso da peça, que pendurou em seu gabinete numa cidade universitária alemã, onde pode estudá-la com atenção. A escultura representa uma jovem mulher andando; ela ergue um pouco seu vestido drapejado, de modo que seus pés fi-

cam visíveis nas sandálias. Um dos pés se apoia inteiramente no chão, enquanto o outro se acha dobrado, tocando o solo apenas com os dedos, tendo a planta e o tornozelo quase a prumo [ver a imagem junto à p. 20]. Foi esse andar inusual e bastante encantador que provavelmente prendeu a atenção do artista e, após tantos séculos, veio a seduzir o olhar do nosso arqueólogo.

O interesse que o herói da história tem pelo baixo-relevo é o fato psicológico básico da narrativa, e não acha explicação imediata. “O dr. Norbert Hanold, professor de arqueologia, não encontrou nada verdadeiramente notável para a sua ciência no baixo-relevo” (*Gradiva*, p. 3).^{*} “Não podia explicar para si mesmo o que nele havia despertado sua atenção, apenas sabia que fora atraído por algo, e que esse efeito prosseguia inalterado desde então.” Mas sua imaginação não para de se ocupar da imagem. Ele vê algo “de hoje” nela, como se o artista a tivesse enxergado na rua e capturado a visão “conforme a vida”. Ele dá um nome à moça representada a andar: “Gradiva”, “aquela que anda”; ele fantasia que certamente ela é filha de uma casa nobre, talvez de um edil pertencente ao patriciado, que “executava seu trabalho sob os auspícios de Ceres”, e que se acha a caminho do templo da deusa. Mas depois lhe desagra-

^{*} O número da página, após as citações da novela, remete à edição alemã utilizada por Freud. Há uma edição brasileira dessa obra: *Gradiva: Uma fantasia pompeiana* (trad. de Ângela Melim. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987). No livro não se acha indicação de qual língua foi traduzido. Um cotejamento com as citações revela que não foi do alemão.

da situar aquela figura tranquila no torvelinho de uma grande cidade, e se convence de que ela ficaria melhor em Pompeia, onde caminharia sobre as peculiares pedras do calçamento — desenterradas recentemente —, que em dia chuvoso permitiam que se cruzasse a rua sem molhar os pés e, ao mesmo tempo, possibilitavam o tráfego de coches e carroças. Os traços de seu rosto lhe pareciam *gregos*; ela era de origem helênica, sem dúvida. Aos poucos, todo o conhecimento que ele tem da Antiguidade é posto a serviço dessa e de outras fantasias relacionadas àquela que teria sido o modelo para o baixo-relevo.

Mas logo lhe surge um problema supostamente científico, que requer solução. Trata-se de chegar a um juízo crítico: “O escultor havia reproduzido o andar da Grádiva de forma fiel à vida?”. Ele não consegue evocá-lo por si próprio; na busca pela “realidade” desse andar, é conduzido a “encetar observações próprias da vida real, para esclarecimento da questão” (*G.*, p. 9). Isso o obriga, no entanto, a fazer coisas que lhe são inteiramente alheias. “O sexo feminino, para ele, fora até então algo feito de mármore ou de bronze; aos seus representantes contemporâneos ele jamais dispensara a menor atenção.” Obrigações sociais sempre lhe foram um tormento inevitável; mal enxergava e escutava as senhoritas que nelas lhe apareciam, de modo que, ao vê-las em outra ocasião, por elas passava sem cumprimentar — o que, naturalmente, não lhes causava boa impressão. Agora, contudo, a tarefa científica que se havia proposto o fazia atentar avidamente, em tempo seco e, especialmente,

em dias de chuva, para os pés que se tornavam visíveis das senhoras e moças que passavam na rua, atividade essa que lhe proporcionava alguns olhares aborrecidos e outros tantos encorajadores, por parte das mulheres observadas; “mas nem de uns nem de outros ele vinha a se dar conta” (*G.*, p. 10). Como resultado desses estudos, descobriu que o andar da Gradiva não se verificava na realidade, o que o encheu de fastio e lamento.

Pouco depois teve um sonho terrivelmente angustiado, em que se achava na antiga Pompeia, no dia da irrupção do Vesúvio, e era testemunha da destruição da cidade. “Quando estava num lado do fórum, próximo ao templo de Júpiter, viu subitamente a Gradiva, a pouca distância de si. Até aquele instante não pensara na presença dela, mas agora lhe ocorria, como algo natural, que, sendo ela uma pompeiana, vivia na cidade natal e, *sem que ele o suspeitasse, era sua contemporânea*” (*G.*, p. 12). A angústia quanto ao destino iminente para ela o fez soltar um grito de alerta, ao que a figura, caminhando imperturbada, voltou para ele o rosto. Mas ela prosseguiu calmamente até o pórtico do templo,* sentou-se num degrau da escada e lentamente encostou a cabeça nesta, enquanto seu rosto empalidecia cada vez mais, como que se transformando em mármore. Quando ele a alcançou, encontrou-a estendida no amplo degrau, com expressão tranquila, como se estivesse dormindo, até que a chuva de cinzas cobriu sua figura.

* O templo de Apolo; cf. o mapa de Pompeia junto à p. 23 deste volume.

Ao despertar, acreditou ainda ter no ouvido os gritos confusos dos moradores de Pompeia em busca de salvação e o bramido surdo e ameaçador do mar em agitação. Mesmo depois de readquirir a consciência plena e ver que tais ruídos eram as manifestações de vida da cidade grande que acordava, manteve ainda por algum tempo a crença na realidade do que sonhara. Quando, por fim, renunciou à ideia de que ele próprio havia testemunhado a destruição de Pompeia, quase dois mil anos atrás, ficou-lhe ainda a convicção de que a Gradiva vivera em Pompeia e lá fora soterrada no ano de 79 d.C. Suas fantasias sobre ela foram de tal modo realçadas por aquele sonho, que agora ele a pranteava como alguém que perdera.

No momento em que, tomado por esses pensamentos, debruçava-se na janela, chamou-lhe a atenção um canário, que trinava seu canto numa gaiola presa à janela aberta da casa em frente. De súbito, algo como um sobressalto lhe veio, estando ele, ao que parece, ainda não inteiramente acordado do sonho. Acreditou ter visto na rua uma silhueta como a de sua Gradiva, reconhecendo-lhe até mesmo o andar característico; sem pensar, abalou para a rua, a fim de alcançá-la, e apenas o riso e a mofa das pessoas, ante seu inconveniente roupa, impeliram-no rapidamente de volta à casa. Em seu aposento, o canário a cantar na gaiola mais uma vez lhe ocupou o pensamento, suscitando-lhe a comparação com sua própria pessoa. Também ele estava numa espécie de gaiola, achou, mas era-lhe mais fácil escapar dela. Como que em mais um efeito do sonho, e talvez também por influxo do ameno ar primaveril, formou-se nele a decisão

de uma viagem à Itália, para a qual logo se encontrou um pretexto científico, embora “o impulso para essa viagem lhe tivesse surgido de uma sensação inefável” (G., p. 24).

Chegando a essa viagem de motivação peculiarmente vaga, façamos uma pausa e consideremos mais detidamente a personalidade e a conduta do nosso herói. Ele ainda se coloca de maneira tola e incompreensível para nós; ainda não vislumbramos como a sua tolice particular se ligará ao propriamente humano, de modo a granjear nosso interesse. É uma prerrogativa do escritor nos deixar nesta incerteza; com a beleza de sua linguagem, com a engenhosidade de sua trama ele nos recompensa provisoriamente a confiança que nele depositamos e a simpatia, ainda não justificada, que nos dispomos a sentir pelo seu herói. Sobre este também somos informados que a tradição familiar já o destinava a estudioso da Antiguidade, que seu posterior isolamento e independência o fizeram mergulhar por inteiro na ciência e afastar-se completamente da vida e seus prazeres. Para sua sensibilidade, o mármore e o bronze eram as únicas coisas realmente vivas, que davam expressão à finalidade e ao valor da existência humana. Mas, talvez com benévola intenção, a natureza lhe dera um antídoto de natureza totalmente não científica, uma fantasia extremamente vivaz, capaz de se impor não apenas nos sonhos mas, com frequência, também na vigília. Tal dissociação entre a fantasia e o intelecto o destinava a ser um escritor ou um neurótico, ele contava entre aquelas pessoas cujo reino não é deste mundo. Assim pôde lhe acontecer de permanecer interessado num baixo-relevo que represen-

tava uma garota de passo peculiar, de envolvê-lo em suas fantasias, inventar-lhe nome e procedência, localizar na Pompeia soterrada havia mais de 1800 anos a pessoa que criou e, finalmente, após um estranho sonho angustiado, exacerbar até o delírio a fantasia sobre a existência e o fim da garota chamada Gradiva, delírio esse que adquiriu influência sobre os seus atos. Tais operações da fantasia nos pareceriam singulares e impenetráveis se as encontrássemos numa pessoa viva real. Como o herói Norbert Hanold é uma criação do autor, talvez possamos perguntar a este, timidamente, se a sua fantasia foi guiada por outras forças que não seu arbítrio.

Deixamos nosso herói quando, aparentemente levado pelo canto de um canário, ele decidiu empreender uma viagem à Itália, sem um motivo que lhe fosse realmente claro. Também somos inteirados de que tampouco a destinação e o roteiro da viagem estavam fixados. Um desassossego e insatisfação interior o impele de Roma a Nápoles, e daí adiante. Encontra-se no meio de uma revoadada de noivos em lua de mel e, vendo-se obrigado a observar os carinhosos “Augustos” e “Margaridas”,* é absolutamente incapaz de entender o modo de agir desses casais. Chega à conclusão de que, entre todas as tolices humanas, “o casamento assume o primeiro lugar, sendo a maior e mais incompreensível, e as absurdas viagens de núpcias à Itália são, de certo modo, o coroamento dessa loucura” (*G.*, p. 27). Em Roma, tendo o sono perturbado

* “August” e “Grete” no original: nomes que são dados pejorativamente, na novela, aos noivos e noivas em geral.

pela vizinhança de um casal carinhoso, rapidamente foge para Nápoles, apenas para lá encontrar outros “Augustos e Margaridas”. Acreditando ter ouvido, nas conversas desses casais de pombos, que a maioria deles não pensa em aninhar-se entre as ruínas de Pompeia, mas em seguir voo para Capri, ele resolve fazer o que não farão e, uns poucos dias após sua partida, “contra toda a expectativa e sem intenção”, encontra-se em Pompeia.

Mas lá não encontra o sossego que procura. O papel que antes cabia aos recém-casados, de inquietar seu ânimo e incomodar seus sentidos, agora é assumido pelas moscas domésticas, nas quais ele se inclina a ver a encarnação do mal e do supérfluo absolutos. Os dois tipos de atormentadores se fundem numa unidade: alguns pares de moscas lhe recordam os casais em lua de mel, provavelmente falando entre si, na sua linguagem, “meu querido Augusto” e “minha amada Margarida”. Por fim, não pode deixar de reconhecer que “sua insatisfação não é causada somente pelo que se acha ao seu redor, mas tem origem, em parte, dentro dele próprio” (G., p. 42). Sente que “está de mau humor, pois lhe falta algo, mas não consegue entender o quê”.

Na manhã seguinte, passa pelo *Ingresso* [Entrada],* em Pompeia, e, após se livrar do guia, anda sem rumo pela cidade, não se lembrando, curiosamente, que pouco

* Em italiano no texto; da mesma forma, nas páginas seguintes Freud também vai se referir à Casa del Fauno, à Strada Consolare e ao Albergo del Sole (respectivamente Casa do Fauno, rua Consular e Hotel do Sol).

tempo antes presenciou, em sonho, o soterramento de Pompeia. Depois, na “ardente, sagrada” hora do meio-dia — que os antigos consideravam hora de espíritos —, quando os outros visitantes se recolheram e os montes de ruínas surgem desolados e banhados de sol à sua frente, manifesta-se nele a capacidade de remontar à vida desaparecida, mas não através da ciência. “O que esta ensinava era uma concepção arqueológica sem vida; o que lhe saía da boca era uma linguagem morta, filológica. Essas não ajudavam a apreender com a alma, o espírito, o coração — como se queira chamar; quem aspirasse a tanto deveria, como o único ser vivo no cáldo silêncio do meio-dia, permanecer ali entre os vestígios do passado, para ver e ouvir não com os olhos físicos e não com os ouvidos do corpo. Então... os mortos despertavam e Pompeia recomeçava a viver” (*G.*, p. 55).

Enquanto assim faz reviver o passado com a fantasia, subitamente vê a inconfundível Gradiva do baixo-relevo a sair de uma casa e atravessar a rua, caminhando agilmente sobre as pedras de lava, tal como a viu no sonho daquela noite, quando ela se pôs sobre os degraus do templo de Apolo, como se fosse dormir. “E, juntamente com essa lembrança, algo mais lhe surgiu pela primeira vez na consciência: desconhecendo ele próprio aquele impulso interior, ele viera para a Itália, seguira até Pompeia sem parar em Roma e Nápoles, com o fim de ali encontrar os rastros da Gradiva. E isso no sentido literal, pois o andar peculiar da moça devia ter deixado nas cinzas uma impressão dos dedos diferente de todas as demais” (*G.*, p. 58).